

RESENHA DA EXPOSIÇÃO: O FANTÁSTICO BRASILEIRO: O INSÓLITO LITERÁRIO DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE. Curadoria e textos de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Farias Tavares. 02 de junho 2017.

ELENARA QUINHONES (Doutoranda)  
Universidade Federal de Santa Maria (UFMS)  
Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.  
(elenarawalter@gmail.com)

O imaginário humano, repleto de fantasia, aventura e mistério, é povoado por diversos sentimentos e emoções. Talvez por isso os mitos, lendas, contos de fadas, histórias de terror e horror, muitas vezes transmitidos oralmente, sejam tão apreciados por diversas gerações através dos séculos. Entretanto, com o passar do tempo, as histórias ganharam diferentes formas e contornos, o mundo da fantasia se ampliou adquirindo novos temas, outras vertentes e subgêneros. Esses textos começaram a chamar atenção do mundo acadêmico que passou a estudá-los. Do ponto de vista teórico, um dos estudos de maior relevância sobre esse universo, que o denominou como um gênero literário específico, o fantástico, foi o de Tzvetan Todorov, na década de 1970. Porém, atualmente, com a ampliação das pesquisas em torno desse tema, percebeu-se que o fantástico seria considerado uma forma de contar as histórias dentro de múltiplos gêneros, assim se prefere tratá-lo como um modo narrativo.

Em solo brasileiro, a literatura fantástica ganha um espaço cada vez mais amplo e rico para pesquisas, como demonstrado na exposição: *O Fantástico Brasileiro: o insólito literário do Romantismo à Contemporaneidade*, com curadoria e textos dos pesquisadores Bruno Anselmi Matangrano (USP/ CNPq) e Enéias Farias Tavares (UFMS), derivada do projeto de pesquisa *História do Insólito no Brasil* e realizada pelo projeto de extensão *Bestiário Criativo*, ambos sediados na Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), que financiou a exposição. A exposição abriga 23 painéis que abordam as primeiras manifestações do fantástico no século XIX até a atualidade, bem como uma homenagem ao autor contemporâneo Max Mallmann (1968-2016), que dedicou seu trabalho à criação de histórias fantásticas; além de mais dois painéis extras, que apresentam o recorte geográfico da exposição e as

QUINHONES, Elenara. RESENHA DA EXPOSIÇÃO: O FANTÁSTICO BRASILEIRO: O INSÓLITO LITERÁRIO DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE. Curadoria e textos de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Farias Tavares. 02 de junho 2017. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 227-234.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 27 jul. 2017.

editoras que publicam literatura fantástica hoje no Brasil. A partir de três demarcações temporais, os pesquisadores remontam a historiografia literária, ressaltando cerca de 90 escritores brasileiros, bem como as principais obras que foram produzidas nas diferentes vertentes do fantástico. Entretanto, embora os painéis tenham uma sequência cronológica, a forma em que foram produzidos e expostos permite que o visitante tenha liberdade de escolha para iniciar seu percurso por onde quiser.

Sob o título *Século XIX, Fim do século e Belle Époque*, quatro painéis foram desenvolvidos, a fim de mapear as primeiras aparições do insólito na literatura nacional. No âmbito da exposição, o termo foi utilizado para denominar, segundo a definição de Flavio García, as narrativas “não realnaturalista –, que primam pela ruptura com a representação coerente, congruente, verossímil da realidade extratextual” (MATANGRANO, 2014, p. 181). Os pesquisadores seguem uma linha temporal que respeita os estilos de época a qual pertenceram os autores e com os quais cada obra obra dialoga. Inicialmente, apontam os *Românticos Fantásticos*, tomando como ponto de partida o conto “Um sonho” (1838), de Justiniano José da Rocha como talvez a primeira narrativa fantástica brasileira. Logo em seguida, destacam o nome de Álvares de Azevedo, tanto com seus contos de *Noite na taverna* (1855), como com a sua peça, *Macário* (1852). Já no painel com o título: *Naturalistas e Realistas nos limites do insólito*, observamos o entrelaçamento da estética realista e naturalista com o início da ficção científica, na obra *Dr. Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar. Merece destaque também a presença de alguns contos de Machado de Assis e sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que embora não seja tradicionalmente lida como fantástica é narrada por uma personagem já falecida, o que lhe confere um caráter insólito, conforme salientado pelos pesquisadores.

Para encerrar o percurso historiográfico oitocentista, o painel, *Simbolistas Surreais e Decadentes Irreais*, faz menção a quatro nomes, dos quais destacamos dois: Emília Freitas e Coelho Neto. Freitas apresenta-se como precursora do gênero fantástico de autoria feminina no país, segundo os pesquisadores, com sua obra *A Rainha do Ignoto: um romance psicológico* (1989). Ambos os autores abordam temáticas controversas no contexto social de suas produções: sexualidade e espiritismo. Embora a obra de Freitas não trate abertamente de sexualidade, será impossível não fazermos diversos questionamentos sobre a mobilização dos papéis sociais e sexuais ao se verificar, na narrativa, mulheres travestidas de homens e um homem travestido de mulher. Em *A esfinge* (1906), Coelho Neto também polemiza a dualidade homem/mulher, de acordo com os curadores. Nas duas obras, é possível identificar traços místicos e espíritas, sendo que já no prólogo do romance de Freitas, a autora deixa claro que fará menção ao espiritismo como corrente filosófica. É importante lembrar que esses dois autores receberam tratamento distinto por seus pares. Emília Freitas esteve no mais completo esquecimento até a década de 1950,

para cair novamente em ostracismo até 1980. Coelho Neto foi mencionado e louvado pela crítica até a década de 1950.

Para dar início a incursão ao período temporal subsequente, os pesquisadores denominaram o painel como *Século XX: A consolidação do fantástico*. Dentro desse tema abrigam-se obras das mais diferentes matizes do insólito que eclodiram ao longo do século XX. Os pesquisadores afirmam a dificuldade de remontar cronologicamente essas obras fantásticas, em vista das múltiplas publicações simultâneas em diferentes partes do país. Contudo, eles mantiveram a periodização literária nos dois painéis posteriores, com os títulos: *Os modernistas mais ao sul* e *Os modernistas mais ao norte*.

O primeiro painel realça o nome de Mário de Andrade, e uma das obras mais emblemáticas da literatura nacional: *Macunaíma* (1928). Como bem observado pelos pesquisadores, Mário de Andrade pertence a um período fundamental para literatura brasileira: o Modernismo. Talvez a quebra de paradigmas, ocorrida em 1922, com a Semana da Arte Moderna, tenha sido essencial para que o fantástico se consolidasse no Brasil. Quanto ao segundo painel destacamos o nome de Guimarães Rosa, com o conto “O Moço Branco” (1962). Para os pesquisadores, o texto do autor já inclui traços do realismo mágico que será o tema do próximo painel.

Do painel *Realismo Mágico ou Mágico Fantástico?* ressaltamos três autores: Murilo Rubião, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar. O primeiro com inúmeros contos reunidos em sua *Obra completa* (1974); da autora foram selecionados diversos contos do livro *Seminário dos ratos* (1977); já o escritor sulista aparece com a obra *O centauro no jardim* (1980).

Além da divisão temporal, Matangrano e Tavares apresentam quatro painéis que versam sobre o alcance que o insólito atingiu na literatura brasileira. No primeiro, *Literatura para pequenos e jovens leitores*, a Literatura Infantil ganha espaço com o precursor Monteiro Lobato e seu *Sítio do pica-pau amarelo* (1921), que apresenta uma história permeada pelo Maravilhoso; e, a relevante produção de Lygia Bojunga com histórias mágicas e fantásticas, como em *O sofá estampado* (1980). Ainda da década de 1980, os pesquisadores citam *O fantástico mistério de feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira e a reedição de *O caso da borboleta Atíria* (1988), de Lúcia Machado de Almeida, finalizando com *O prisioneiro da sombra* (2003), de Luiz Roberto Mee, que inovara a Literatura Infantil por criar universos possíveis classificados como Alta Fantasia, tema de outro painel discutido a seguir.

O próximo painel contempla os textos de horror, com o título: *O horror sobrenatural à maneira europeia e norte-americana*. De acordo com os pesquisadores, essa vertente do insólito não encontrou o mesmo espaço no século XX que no século XIX, porém eles pontuam quatro autores, entre os quais ressaltamos: *O monstro e outros contos* (1932), de Humberto Campos, em que se mescla o terror gótico com a ficção científica; e as obras de Rubens Francisco Luchetti, entre elas *O fantasma do*

*tio William* (1974). Esse autor é, de acordo com os pesquisadores, um dos mais importantes da ficção *pulp* e de horror no país. Por último, para encerrar o painel, os curadores discutem a obra de Duda Falcão, *Mausoléu* (2013). Os outros dois painéis apresentam a ficção científica, o primeiro aborda os escritores que desbravaram esse território do insólito, e o segundo trata da intensa produção de autoria feminina de ficção científica no século XX.

*FC – Parte I: Autores que desbravaram o tempo e o espaço*, sob esse título o painel referencia *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls, que narra a jornada de um médico, denominado apenas como Doutor, pela selva amazônica. Nessa expedição, o personagem-narrador perde-se com a sua equipe, sendo encontrados por um grupo de índios que os levam à tribo das Amazonas. Ali o Doutor consome uma bebida feita pelos silvícolas que gera uma viagem onírica no tempo, fazendo-os retornar ao império Asteca e descobrir a origem dessas guerreiras lendárias. No ano de 1930, tem-se a produção de *A República 3000*, de Menotti del Picchia, que posteriormente será denominada *A filha do Inca*, pois o autor não queria que fosse atribuído ao romance alguma alusão política, sendo categorizado já por ele como um romance fantástico (cf. NOTA DOS EDITORES, PICCHIA, 1949, p. 5). Os pesquisadores mencionam ainda diversos textos de André Carneiro (1922-2014) e Fausto Cunha (1928-2004). Outra obra é *Kalum* (1936), de Menotti del Picchia. O enredo da trama de Picchia é protagonizado pelo alemão Karl Sapor, que lidera uma expedição ao interior do Mato Grosso em busca de material para a produção de um filme. Em sua jornada, ele encontra o Reino de Elinor, um reino perdido, localizado no interior de uma gruta e liderado por uma mulher, que no final da trama forma par romântico com o protagonista.

Conforme nos lembrou a pesquisadora Zahidé Muzart (2008), ao tratar sobre a preferência das autoras do final do século XIX e início do século XX pelas narrativas de horror e terror, “o belo sexo abandona as fitas cor-de-rosa pelas ideias sombrias” (p. 301). O painel trata disso especificamente: *FC – Parte II: Porque as mulheres também escrevem FC!*. Após a percursora Emília Freitas, a segunda autora a desbravar o universo da ficção científica é Adalzira Bittencourt, com a obra *Sua Excelência a Presidente da República no Ano 2.500* (1929). Esse livro, de caráter profundamente eugênico, desenvolve-se a partir da descrição da República Brasileira. Após o feminismo ter vencido as eleições, a república passa a ser dirigida por Mariângela de Albuquerque, de apenas 28 anos, paulista formada em Medicina e Direito, que adotará medidas radicais para uma transformação efetiva no país. Em seguida, encontramos o nome de Dinah Silveira de Queiroz, com a narrativa *Margarida La Rocque* (1949). Rachel de Queiroz também se aventurou no universo da ficção científica como o conto “Ma-Hôre” (1961). Os pesquisadores ainda destacam as produções de Zora Seljan (1918-2006), Lúcia Benedetti (1914-1998), Stella Carr (1938-2008), Cassandra Rios (1932-2002) e Ruth Bueno (1925-

1985). Essas obras de autoria feminina enriquecem as páginas da literatura nacional e a ampliam. Com a especificidade que cada autora é capaz de produzir, as mais variadas formas de narrativas insólitas são apresentadas.

Por fim, chegamos ao epílogo do século XX, que além de sinalizar o fim de um século, nos possibilitou experimentar um fenômeno singular: a alternância de milênios. Nada mais propício que o título *A literatura insólita na virada do Milênio*. Nesse painel, os pesquisadores retomam as discussões que eclodiram com o surgimento da internet e outras formas de publicações e narrativas virtuais. O mundo alterou-se profundamente, entretanto os seres humanos ainda parecem buscar, cada vez mais, alternativas para escapar de suas dores existenciais; por isso, segundo os pesquisadores, as histórias fantásticas parecem ter assegurado seu lugar definitivo na literatura nacional. Ignácio de Loyola Brandão, com as obras *Cadeiras proibidas* (1973) e *o Homem que detestava segunda-feira* (1999), abre esse painel. A primeira obra apresenta um efeito metafórico para denunciar a ditadura militar. Já a segunda, relata o absurdo. Entre os outros autores mencionados, podemos ressaltar Fausto Fawcett, com *Santa Clara Poltergeist* (1990), que evoca o universo cyberpunk em diálogo com *Neuromancer*, de William Gibson, conforme apontado pelos curadores. Quem encerra esse painel é o autor Paulo Coelho. Sua produção é bastante polêmica, encontrando grande resistência em ser aceito no meio acadêmico, possivelmente pela escolha, em muitas das suas obras, de um discurso que perpassa a autoajuda. Os pesquisadores destacam duas de suas produções: *Diário de um Mago* (1987) e *O Alquimista* (1988).

A última seção da exposição se abre com o painel intitulado: *Século XXI: A época dos mundos insólitos*. Esse painel trata das mudanças ocorridas nas diferentes produções da literatura insólita desde os séculos XIX até o século XXI, como a passagem da apreensão diante do sobrenatural, a aceitação desse no realismo mágico, até as atuais ficções, que se expressam em novas versões da ficção científica e da fantasia. Segundo os pesquisadores, na ficção científica atual encontramos o *Steampunk* e outros estilos que abordam o universo *Punk*, as Distopias, e a *Space Opera*. Já na fantasia, encontramos as vertentes conhecidas como Fantasia Urbana, a Alta Fantasia e a *Dark Fantasy*. É importante salientar, conforme exposto pelos pesquisadores, que é no século XXI que a literatura fantástica ganha espaço acadêmico, o que é visível não apenas com o grupo de pesquisa “Vertentes do Insólito”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas também com o projeto de pesquisa e extensão “Bestiário Criativo: O profissional do Livro e o Mercado Editorial”, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), projeto realizador da exposição. Ainda é mencionado pelos curadores nesse painel a importante participação de novas editoras, que abriram um mercado diretamente relacionado com esse tipo de narrativa.

Dentro desse último arco temporal, observamos o painel *Vampiros: entre o Clássico e o Pós-Moderno*, cujas obras e autores mencionados são: *Sete* (1999), *O sétimo* (2002), *Bento* (2003), de André Vianco; *Relações de sangue* (2002) e *Amores perigosos* (2011), de Martha Argel, e *Luar dos vampiros* (2003) e *Flores mortais* (2014), de Giulia Moon. O painel subsequente traz o subtítulo: *Ficção Científica do Novo Milênio*. Quem abre o painel é o autor Roberto de Souza Causo. Além de autor das mais variadas vertentes insólitas, Causo é também pesquisador na área de literatura fantástica, tendo publicado *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*, no qual pretendia mapear a produção dessas três vertentes do fantástico no Brasil. Nesse mesmo painel, temos os seguintes autores: Fábio Fernandes, com as obras *Interface com vampiro* (2000) e *Os dias de peste* (2009); Christian David que escreveu *O rei e o camaleão* (2013); Gerson Lodi-Ribeiro, autor de *Taikondom: crônicas* (2009); Bárbara Moraes, com o livro *A ilha dos dissidentes* (2013) e por fim, Flávio Carneiro que publica *A ilha* em 2011.

Conforme mencionado pelos pesquisadores no painel temático, o *Steampunk* entra no universo da Ficção Científica contemporânea, encontrando um contexto amplo para concepções dessas histórias. É disso que trata o painel *Steampunk: Visões de um passado futurista?* Os pesquisadores fazem um breve histórico dessa vertente fantástica, que nasce entre as décadas de 1980 e 1990, originariamente com os primeiros textos em inglês. Para os pesquisadores, o *Steampunk*, mais que uma vertente fantástica, é uma estética, que se estende não apenas a outras narrativas, mas também a outras artes, perpassando a moda, mas também criando uma pequena subcultura, que se autointitula *steamers* (em inglês) ou *vaporistes* (em francês). Literariamente, podemos mencionar as obras: *Homens e monstros: A guerra fria vitoriana* (2013), de Flavio Medeiros, *Le Chevalier e a exposição universal* (2015), de A. Z. Cordenonsi e *A lição de anatomia do temível Dr. Louison* (2014), de Enéias Tavares. Essa última obra pertence a uma série, que além de outras publicações pretendidas, possui um *cardgame*, um Suplemento Escolar (desenvolvido para auxiliar os professores de Literatura do Ensino Médio) e um audiolivro, tendo, portanto, uma face intermediática. Desse último autor, em parceria com A. Z. Cordenonsi e Nikellen Witter, ainda no universo retrofuturista, há o livro *Guanabara real: A alcova da morte*.

No cenário da Alta Fantasia, influenciado pelos sucessos internacionais como a série *Senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, o painel *Nos Territórios Insólitos da Alta Fantasia* abriga diversos autores que centram suas produções nessa vertente. Marcam presença ali os autores: Raphael Draccon, com a trilogia *Dragões do Éter* (2007) e *Cemitério de dragões* (2014); Affonso Solano, que publica em 2013 a saga *O espadachim de carvão*; Thiago Tizzot, autor de *Três viajantes* (2014) e César Alcázar, organizador da coletânea *Crônicas de espada e magia* (2013).

Em *A Fantasia Urbana e a Magia do Cotidiano*, os curadores reuniram obras que tratam da magia ou do sobrenatural entrelaçadas com o cotidiano urbano, principalmente, de grandes cidades. Segundo os pesquisadores, essa é a vertente mais fecunda no país. Nessa temática são mencionadas as obras: *A batalha do Apocalipse* (2007), de Eduardo Spohr; *O inverno das fadas* (2012), de Carolina Munhóz; *Sangue de lobo* (2010), de Helena Gomes e Rosana Rios; *Exorcismos, amores e uma dose de blues* (2014), de Eric Novelo, e *Rani e o sino da divisão* (2013), de Jim Anotsu.

Já no final da exposição, encontramos o painel *Novo Fôlego ao Folclore Nacional*. Nesse interessante painel, os pesquisadores apontam a importância do folclore brasileiro, com suas lendas e mitos específicos, para a criação da fantasia nacional. Os curadores lembram que Monteiro Lobato e Mário de Andrade exploraram esse assunto e pontuam a importância do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1951), de Luiz da Câmara Cascudo, para os estudos dessa temática. Quanto às obras atuais, os pesquisadores citam *Os sete monstros brasileiros* (2014), de Braúlio Tavares; *Cira e o velho* (2010), Walter Tierno; *A bandeira do elefante e da arara* (2016), de Christopher Kastensmidt, e *Ouro, fogo e megabytes* (2012), de Felipe Castilho.

O último painel da exposição é intitulado: *Uma homenagem a Max Mallmann*. Escritor profícuo e de uma ampla publicação no terreno do insólito. Max Mallmann (1968-2016) brinca com a efemeridade da vida, com o taciturno e com o humor negro em suas obras, que apresentam também reflexões sobre a vida e o lado sombrio da existência de uma forma ironicamente ácida. Para os pesquisadores, ele é considerado um autor de profundidade e de maturidade que deixou como legado um conjunto de obras perene. Entre os livros citados pelos curadores encontramos: *As confissões do minotauro* (1987), *Mundo bizarro* (1996), *Síndrome da quimera* (2000), *Zigurate* (2003), *O centésimo em Roma* (2010) e *As mil mortes de César* (2014).

Essa exposição que iniciou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e que ficou no hall de sua reitoria entre os dias 5 e 30 de maio de 2017, seguirá para várias outras cidades, terminando finalmente em Santa Maria onde ficará permanentemente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Centro de Documentação e Memória da Instituição. Conforme podemos observar, houve um enorme empenho pelos pesquisadores em pontuar cerca de 200 obras de matizes tão diferenciadas, mas tendo como ponto em comum o insólito.

Do ponto de vista pessoal, como visitante e pesquisadora de Literatura Brasileira, fiquei profundamente empolgada com a exposição. Acredito que os curadores conseguiram abrigar um número grande de obras de uma forma coesa e ao mesmo tempo livre de engessamento. Conforme descrito nos parágrafos iniciais, apesar de ter uma sequência cronológica, houve a possibilidade de escolha para leitura dos painéis, pois eles encerram uma subtemática em si, mesmo pertencendo

a um contexto maior. A exposição desafia nossos conhecimentos sobre periodização literária, nossa capacidade de mobilização entre diferentes vertentes fantásticas e nosso reconhecimento de autores e obras em um leque enorme de possibilidades. Além de instrutiva, ela pareceu-me bastante divertida, se experienciada como um grande jogo literário. Considerei-a como um jogo didático-pedagógico excelente para estudantes de Ensino Médio, que estão começando a conhecer a História de nossa Literatura.

Ela deixa-nos a nítida impressão do quão importante é conhecermos a extensão e a multiplicidade de nossa literatura. Nossa mente, tão habituada ao cotidiano, esquece, por vezes, de alçar voos ao mundo imaginário onde seres mágicos enviam-nos constantemente pedidos para que sentemos e peguemos um bom livro para começar mais uma história fantástica. Por fim, a exposição *O Fantástico Brasileiro: O insólito literário do Romantismo à Contemporaneidade*, não apresenta apenas uma importância acadêmica, do ponto de vista historiográfico literário, mas evoca em nós o que a Literatura tem de mais poderoso, conforme Antônio Cândido (1988), o poder de nos humanizar. A Literatura Fantástica coloca-nos frente ao nosso imaginário, lembrando-nos de nossa fragilidade, enfim de nossa condição humana.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. “Direito a literatura”, 1988. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

GARCIA, F. In: MATANGRANO, B. A. Entrevista com o professor Flavio García acerca da Literatura Insólita em Língua Portuguesa. *Desassossego*, n.11, v. 6, p. 180-187, jun. 2014.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. F. *Fantástico Brasileiro: O insólito literário do Romantismo à Contemporaneidade* (exposição de painéis realizada na UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

MUZART, Z. L. Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX. *Veredas*, Santiago de Compostela, v. 10, p. 295-308, 2008.

PICCHIA, M. del. *A filha do Inca*. São Paulo: Saraiva, 1949.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2006.

QUINHONES, Elenara. RESENHA DA EXPOSIÇÃO: O FANTÁSTICO BRASILEIRO: O INSÓLITO LITERÁRIO DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE. Curadoria e textos de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Farias Tavares. 02 de junho 2017. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 227-234.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 27 jul. 2017.

ELENARA WALTER QUINHONES é Doutoranda em Letras, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Letras e Graduada em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma Instituição. Sua pesquisa tem como foco autoria feminina do século XIX, crítica feminista e historiografia literária. Atualmente exerce a função de Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino, de Esteio – RS.

QUINHONES, Elenara. RESENHA DA EXPOSIÇÃO: O FANTÁSTICO BRASILEIRO: O INSÓLITO LITERÁRIO DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE. Curadoria e textos de Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Farias Tavares. 02 de junho 2017. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 227-234.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 27 jul. 2017.